

Ferreira de Castro e a Renovação

segunda parte

Ricardo António Alves

Revista de cultura e pensamento destinada ao proletariado, e apesar de ter como programa «dar batalha ao passado», as credenciais de modernidade artística da *Renovação* são francamente insatisfatórias. É escusado, e provavelmente incorrecto, compará-la com a revista do modernismo por excelência, quase sua contemporânea, a *presença* de José Régio, Branquinho da Fonseca e João Gaspar Simões, para se aperceber do desfasamento que existia. Não fora a colaboração de alguns artistas plásticos nas capas da publicação, como Stuart Carvalhais, Roberto Nobre ou Carlos Botelho e, não fora Ferreira de Castro, a *Renovação* passaria completamente ao largo daquilo que se propusera em termos artísticos. Porque para os autores deste quinzenário, arte de vanguarda era a que difundia as ideias avançadas – mesmo que essas ideias fossem veiculadas através de uma estética do século XIX.

O número inaugural, com a capa de Alonso, dum academismo sem remissão, deixa antever o pior; as estampas, os extratextos que a revista oferece são duma irrelevância que impressiona. A colaboração propriamente literária circunscreve-se aos sonetos inconformistas de Bento Faria (um poeta de 50 anos no bilhete de identidade, mas talvez ainda mais velho em personalidade artística) e uns contos, alguns interessantes, de Eduardo Frias, de tons naturalistas à Abel Botelho.

Há, aliás, um texto catastrófico, em modo de libelo – não assinado e que eu tenho, pelo estilo, boas razões para arriscar a atribuição da sua autoria a Jaime Brasil –, intitulado «Da “arte moderna”». Nele se critica «o suposto modernismo» por não ter suscitado a adesão, mas antes a indiferença das «massas incultas» – «“arte” postiça, grotesca, que não lhes dizia nada», ao contrário do que sucedia com os «cervejeiros teutónicos e a aristocracia gerada na *Nep*» (a «Nova Política Económica» de Lénine, o seu célebre *passo atrás*); estes sim, «delicia[vam-se]» com as novas tendências. Para o articulista, «Ninguém com cultura artística acreditou jamais nas mistificações dos futuristas e dos cubistas, dos impressionistas e dos expressionistas, dos primitivistas e dos super-realistas e demais fauna pretensiosa e insípida.» A «arte verdadeiramente moderna» não pode fazer tábua rasa do passado, o «realizador de beleza» «é o passado mais um» e a arte tem de ser «didáctica e morigeradora», deve ter uma «função social», sendo por isso «comunitária e democrática». Então o que será a arte de vanguarda, na perspectiva deste autor?

«Em arte, como em tudo, a tradição, o passado são fonte de emoções e de ensinamentos. O estatuário de hoje busca a linha flexuosa da Vénus de Milo, a alada leveza da Vitória de Samotrácia, a viril postura do Apolo de Belvedere, para escopo e inspiração, como o libertário sonho com a clã primeira, com a comuna medieva, e com a cidade-livre, que são o exemplo histórico da sociedade futuro, por que luta.»

O resto é «exaltação do capitalismo, do industrialismo, do individualismo.»

Castro estava distante desta concepção, apesar de alguns pontos de contacto. Para ele, também o modernismo deveria ser integral, quer dizer, arte moderna e ideias avançadas andariam de par. Era esse o seu *programa* vanguardista. No primeiro livro publicado em Portugal, o já citado *Mas...*, autodenominou-se «classicófono» («Ser classicófono é sentir no âmago vagalhões de revolta: – contra a involuntária expropriação que nos fizeram os

clássicos»³); na *Renovação*, embora respeitando o património legado pelos antigos, insurge-se contra a cópia académica dos modelos clássicos, ao mesmo tempo que critica a tendência primitivista, que teria em Gauguin e Picasso – por si tão admirados – alguns dos seus expoentes, e que pretendia beber na arte pretensamente das origens o tónus que faltava à arte ocidental. Para Castro – que não nomeia nenhum dos pintores atrás referidos –, a representação da figura humana «como um manípulo africano» – é uma atitude «reaccionária», porque «volvida para as brenhas do passado e não para as alvoradas do futuro»³. Mas, por outro lado, «realizar uma Arte que só

A atenção que Castro deu à arte sua contemporânea, na breve existência da *Renovação*, não pode deixar de merecer um justificado destaque. Num artigo intitulado «A cenografia da vanguarda»⁶, destaca a «inquietação e o anseio renovador» de artistas como Meyerhold, Gordon Craig, Max Reinhardt, os futuristas italianos Bragaglia, Ricciardi, Prampolini além da obra pictórica e literária do próprio Marinetti, que lera atentamente⁷; noutro, não assinado, sobre «A literatura social e os valores literários na Rússia»⁸, depois de enumerar alguns dos grandes nomes da literatura desse país, de Dostoiévki a Gorki, refere-se empolgado aos autores da vanguar-

o cinema como trabalho também plástico, via também nele a possibilidade de alargamento dos horizontes estéticos e ideológicos a um público mais vasto.

Ferreira de Castro era, pois, nesses anos vinte, dos poucos escritores – e como jornalista dos raríssimos – a filtrar e difundir a arte contemporânea e de vanguarda. Não por acaso, José Régio, um dos espíritos mais brilhantes da sua geração, dez anos mais tarde, deixa expresso nas páginas da *presença*, a sua esperança em que a direcção de *O Diabo*, que Castro iria assumir pudesse enfim voltar a dar relevância ao jornal, gasto que estava por falta de rumo e em mãos mediocres.¹¹

Deixo para o fim algumas breves notas sobre o ponto de vista pessoal que Ferreira de Castro muitas vezes aduz nos seus textos, o que revela também a sua forte individualidade, o traço de carácter romântico de rebeldia (e, nestes anos juvenis, de intemperança, até) que o caracterizaram.

No artigo em que defende as férias pagas, logo no número inaugural, como vimos, escreve, orgulhosa e desassombadamente:

«[...] eu, que trabalho, que trabalho sempre com volúpia, com ardor, elegendo a pena como amante de todas as horas e a todas as horas fundindo-a no tinteiro, como num turbilho negro donde brotam, já delineadas, as espirais de incenso de meu sonho interminável, não defendo aqui uma conquista original revolucionária, não chancelada ainda por nenhum país. / Não defendo essa conquista, sob um ponto de vista pessoal, porque há muito deitei a chave do mundo exterior pela janela do meu quarto, como queria Zola, para ficar a sós com o trabalho – com o trabalho que é uma necessidade para a inquietude do meu espírito. Defendo essa conquista social, sob o ponto de vista colectivo, e embora me fosse grato defendê-la sozinho contra tudo e contra todos, como tenho feito com tantas outras [...]»¹²

Ferreira de Castro lamenta noutro texto, não assinado, intitulado «Da alegria de viver», a mediocridade do país:

«[...] Marchamos molemente como sonâmbulos. [...] Andamos aos encontros, acotovelamos nos carros, empurramo-nos, agredimo-nos quase, num afã de chegar depressa, como se tivéssemos alguma coisa de importante a resolver. [...] somos um povo atrasado doente, sem educação social, um povo que precisa de aprender a viver, um povo que necessita absolutamente do entusiasmo de quem tenha arrojo de pensar numa grande obra de renovação, numa pedagogia de encanto...»¹³

Como décadas mais tarde – em pleno regime de Salazar e num conclave oposicionista de apoio à candidatura de Norton de Matos – lembrará, numa das suas poderosas «Mensagens», «o povo melancólico, que anda devagar nas ruas, como se procurasse encontrar o seu próprio destino, que anda com um ar modesto, resignado e com esse aspecto de mediocridade colectiva que lhe dá o seu baixo nível de vida»¹⁴. E verificando que é o mesquinho e o trivial que nos desperta a atenção, que verdadeiramente nos interessa, que «não temos motivos de beleza» nem «preocupações elevadas», escreve, melancólico: «Fazemos anedotas malévolas sobre a vida dos outros, tiramos efeitos ruidosos da derrocada dos sonhos, dos incidentes de uma derrota, como se os ideais e o combate fossem manifestações de estupidez, justificativas dum riso cáustico.»¹⁵

A morte, que é um tema forte na sua obra – basta lembrarmos *Eternidade* (1933), e o início do seu poderoso «Pórtico»: «Nós não queremos morrer! Nós não queremos morrer!» – também surge nas páginas da *Renovação*, através dos aforismos: «É muito doloroso saber que todos os rebeldes são passivos ante a



pudesse ser compreendida e justificada no passado, é algo de grotesco, algo que ultrapassa as próprias fronteiras do Ridículo.»⁴ Aqui, Castro distancia-se do articulista atrás referido, e ilustra uma das suas perplexidades, de que fez eco quando da morte do seu grande amigo e companheiro de jornada artística, Roberto Nobre, num maravilhoso texto de 1969, em que o evoca, o autor de *A Selva* recorda esta época e a tertúlia em que com Nobre, Assis Esperança e Mário Domingues defendiam «não somente uma nova organização social, mas também a arte de vanguarda, como seu complemento.» E lembrava com alguma amargura: «Todos os outros elementos ideologicamente avançados, alguns deles nossos amigos bem perto do nosso coração, eram conservadores em Arte e todos os revolucionários em Arte eram reaccionários nas ideias.»⁵

da, provavelmente exemplos do que ele próprio almejava para si, enquanto escritor: dos poetas Vladimir Maiakovski a Alexander Blok, passando pelo romancista Andrey Bely; finalmente, o cinema, a que Castro deu tanta importância, cinéfilo que era, como proclamou Roberto Nobre, tendo inclusivamente realizado um documentário, recentemente redescoberto.⁹

Considerando o cinema como uma obra de arte completa, que congrega «numa só, todas as outras, conservando, contudo a sua independência»¹⁰, sendo errado tomá-lo por «um prolongamento do teatro e do romance», ao mesmo tempo que deplorava o mercantilismo de grande parte do cinema americano, passa em revista alguns dos grandes nomes da 7.ª Arte: de Jean Epstein a Robert Wiene, de Marcel L'Herbier a René Clair, passando por Griffith e Abel Gance. Castro, além de valorizar

morte...»¹⁶; ou: «Só depois de se escravizar a morte, pode existir o verdadeiro homem livre. E esse homem livre, terá ainda, para ser livre, de dominar a vida.»¹⁷

As recordações de infância, as boas, as do Zeca – tal era o seu diminutivo –, de alegre comunhão com a natureza; as dolorosas, que lhe traziam à memória os castigos corporais – tudo isso ele lembrou já na velhice, no texto evocativo «A aldeia nativa», incluído n'Os *Fragmentos*, mas também aqui, nas páginas da *Renovação*:

«Eu nasci em Maio e o meu primeiro olhar deve ter sido para uma flor [...] / Só mais tarde eu vi a montanha que ficava por detrás da minha casa – e os homens que passavam e aplaudiam a minha mãe quando esta me castigava, dizendo: / -- Nessa idade é que se principia a ensiná-los... / Esta recordação nunca mais fugirá do meu cérebro [...]. / Eu tinha seis anos – e já tinha um jardim... Dois metros de terra junto a um combro, que eu vinha cultivar quando abandonava os bancos escolares. [...] / Lírios, rosas e margaridas, desabrochadas dificilmente e uma velha macieira [...] constituíam o grande encanto da minha infância já distante. / A minha mãe elogiava-me aquela devoção para as flores e nesses elogios eu encontrei os raros momentos de felicidade de toda a minha vida...»¹⁸

Como já ficou escrito, Ferreira de Castro sentiu-se um expatriado, lá longe na selva amazónica, entre os 12 e os 16 anos. Sem ter escrito um livro de memórias, é autor de vários textos evocativos que são também algumas das suas melhores páginas. Na «Pequena História de "A Selva"», de 1955, redigida para a edição comemorativa dos 25 anos de publicação do romance, ilustrada pelo grande Portinari, o escritor lembrava a ânsia de fuga por que fora tomado no seringal: «[...] não houve um só dia em que não desejasse evadir-me para a cidade, libertar-me da selva, tomar um barco e fugir, fugir de qualquer forma, mas fugir!»¹⁹; ou quando em «A aldeia nativa», um dos escritos do livro póstumo *Os Fragmentos*, lembrava que uma das maiores angústias que tivera na vida era a de acordar cada dia sem saber se alguma vez retornaria a casa.²⁰

No texto sobre o degredo, a que já aludi, há uma tocante passagem sobre esse período passado no Brasil:

«Quem já meditou deveras sobre o trágico significado da palavra *degredo*? [...] / Quando li, encostado ao primeiro marco da minha adolescência – recordo-o tristemente, sinceramente – esse pueril drama de Camilo que é «O [*sic*] Amor de Perdição», a cena que mais me impressionou, que nublou de lágrimas meus olhos, foi aquela em que o protagonista tem apenas por destino o degredo e por perspectiva esse barco que o há-de levar e que se baloiça, indiferente à dor, sobre as mansas águas do Douro. / E quando há dez anos, minha vida difícil e agitada me levou várias vezes às enseadas da Guiana Francesa²¹, eu quedava-me

largo tempo a seguir angustiosamente todos os gestos dos degredados – os gestos de todos os que a França envia periodicamente para aquele sepulcro de vivos. / Eu ignorava seus delitos, desconhecia o ritmo de seus corações – e contudo para eles ia toda a minha ternura, porque eu também era um exilado, e emigrante desprotegido que a vida fazia rolar entre todos os seus cotovelos. la para eles toda a minha ternura, porque eu abrigava-me também sob o

degredo, sempre que a leio, revela-me todo o seu sinistro significado e causa-me uma profunda sensação de horror!»²²

Termino com estas observações: O forte pendor anarquista e revolucionário de Ferreira de Castro manifestou-se claramente neste período de estertor da I República, que ele testemunhou de caneta na mão, defendendo no primeiro número saído após o 28 de Maio,



Núm. 9

RENOVAÇÃO

mesmo sol da proscricção e porque eles, ali, na Caena ou em Saint George, perante o Atlântico ou à margem do Oyapock, expiavam crimes muitas vezes fomentados pela própria sociedade ou por instintos ancestrais, que essa sociedade nunca se preocupava em corrigir pela educação. / E assim, desde esse tempo já longínquo em minha curta vida, a palavra

ironicamente, que «chega[ra] o momento em que o próprio conceito de Evolução e[ra] obrigado a evoluir»²³, no sentido da Revolução – subentende-se... Para que tal sucedesse, contava com os escritores e outros intelectuais, a quem «compet[ia] soltar o grito de protesto, desfazendo o ninho onde a víbora reaccionária vai distendendo os seus anéis.»²⁴

Ideias que o acompanharão sempre ao longo de toda a obra.

Dos entusiasmos juvenis trazidos pelas leituras de Nietzsche e Stirner²⁵, evoluiu para uma posição menos individualista e mais colectiva – ou comunista libertária – inspirada principalmente em Kropotkin. Mas sempre livre e com independência, sem apóstolos nem tutelas, pois como ele escreveu nas páginas da *Renovação*, «só é verdadeiramente livre aquele que não é discípulo, aquele que não é fiel, aquele que não tem mestre nem sacerdote.»²⁶ ■

¹ [Jaime Brasil ?], «Da "arte moderna"», *Renovação*, n.º 8, Lisboa, 15 de Outubro de 1925, pp. 2-3.

² Ferreira de Castro, «Pedras ao poço», *Mas...*, Lisboa, 1921, p. 25.

³ Ferreira de Castro, «Arte moderna», *Renovação*, n.º 17, Lisboa, 1 de Março de 1926, p. 7.

⁴ *Ibidem*.

⁵ Ferreira de Castro, «Vida, sonho e drama de Roberto Nobre», *apud Correspondência (1922-1969)*, Lisboa, Editorial Notícias e Câmara Municipal de Sintra, 1994, p. 238.

⁶ Ferreira de Castro, «A cenografia da vanguarda», *Renovação*, n.º 21, Lisboa, 1 de Maio de 1926, pp. 15-16.

⁷ Ver Ricardo António Alves, «Ferreira de Castro, entre Marinetti e Kropotkin», *O Escritor*, Lisboa, Associação Portuguesa de Escritores, 1998, pp. 175-180.

⁸ Ferreira de Castro, «A literatura social e os valores literários na Rússia», *Renovação*, n.º 24, Lisboa, 15 de Junho de 1926, pp. 1-2.

⁹ Em *Singularidades do Cinema Português* (Lisboa, Portugal Editora [1964], pp. 135-136), Nobre refere-se ao filme «Estátuas de Portugal», arquivado na Cinemateca Portuguesa / Museu do Cinema.

¹⁰ Ferreira de Castro, «O cinema moderno e o seu papel artístico e educador», *Renovação*, n.º 21, Lisboa, 15 de Maio de 1926, pp. 10-11.

¹¹ José Régio, *Páginas de Doutrina e Crítica da presença*, Porto, Brasília Editora, 1977, p. 306.

¹² Ferreira de Castro, «Ante os pórticos do estio – Lutemos pelas férias dos que trabalham!», *Renovação*, n.º 1, Lisboa, 2 de Julho de 1925, pp. 10-11.

¹³ [Ferreira de Castro], «Da alegria de viver», *Renovação*, n.º 1, Lisboa, 2 de Julho de 1925, p. 12.

¹⁴ «Mensagem de Ferreira de Castro», *Campanha Eleitoral da Oposição – Depoimentos (Terceira Série)*, Lisboa, Serviços Centrais da Candidatura, 1949, pp. 89-98.

¹⁵ *Ibidem*.

¹⁶ Ferreira de Castro, «Ideologia», *Renovação*, n.º 6, Lisboa, 15 de Setembro de 1925, p. 15.

¹⁷ *Ibidem*.

¹⁸ Ferreira de Castro, «As flores como eterno motivo de beleza», *Renovação*, n.º 21, Lisboa, 17 de Maio de 1926, p. 21.

¹⁹ Ferreira de Castro, *A Selva*, 38.ª edição, Lisboa, Guimarães & C.ª Editores, 1980, p. 18.

²⁰ Ver Ferreira de Castro, «A aldeia nativa», *Os Fragmentos*, 2.ª edição, Lisboa, Guimarães & C.ª [1974], pp. 45-46.

²¹ Guiana.

²² Ferreira de Castro, «A caminho do degredo e as responsabilidades da sociedade», *Renovação*, n.º 10, Lisboa, 15 de Novembro de 1925, p. 6.

²³ Ferreira de Castro, «A ideia evolutiva da Justiça», *Renovação*, n.º 23, Lisboa, 1 de Junho de 1926, p. 2.

²⁴ Ferreira de Castro, «Os intelectuais e as ditaduras», *Renovação*, n.º 18, Lisboa, 15 de Março de 1926, p. 1.

²⁵ Ver [Ferreira de Castro] «O papel da água na filosofia», *Renovação*, n.º 8, Lisboa, 15 de Outubro de 1925, pp. 1-2.

²⁶ Ferreira de Castro, «A morte dos apóstolos», *Renovação*, n.º 22, Lisboa, 15 de Maio de 1926, p. 2.

O anti-pedagogo

António da Cruz

Pedro García Olivo (Fuente-Álamo, 1961) é uma figura necessariamente fascinante para quem ainda não afogou de vez nos néons a capacidade de se espantar: depois de trabalhar como investigador e de uma passagem pelo Nicarágua, onde ajudou os sandinistas, foi professor *anticapitalista* e reformista durante largos anos; libertário, porém, foi apreendendo as contradições insanáveis da ideia de ensino institucionalizado e deixou crescer uma raiz de ódio ao seu *mister*. Hoje, abandonado o ensino, vive como *autor mendicante* numa aldeia perdida da Comunidad Valenciana, onde é pastor de

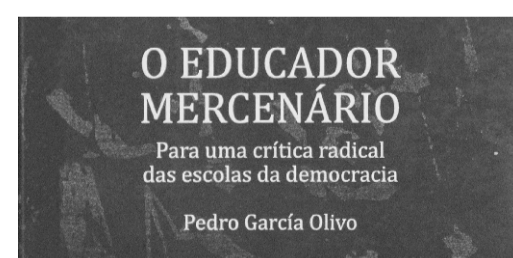
cabras e se dedica à destruição sistemática da ideia de ensino e da ideia de estado: é o anti-pedagogo.

A novíssima editora Textos Ígneos estreou-se com dois livros de Olivo: *O Irresponsável* (2016), originalmente editado em 2000, e *O educador mercenário. Para uma crítica radical das escolas da democracia* (2017 [2009]). *O Irresponsável* é uma obra fora das garras das classificações de género - nem ensaio, nem tratado, nem romance, nem panfleto, nem autobiografia, nem proposta poética, nem uma mistura moderna de todas estas. Da sombra da figura arquetípica d'O *Irresponsável* rastejam outras - O Esquizofrénico, O Suicida, O Comediante, O Apátrida, O Libertino, O Deserto, O Criminoso - para ajudar a mapear todos os modos de oposição à ideia e prática da Escola. É um livro áspero, violentíssimo, escrito num estilo muito devorador de Nietzsche, e quase sádico na

demolição sistemática de evidências cristalizadas. A sua demonstração, se não acertada, pelo menos muito eloquente, da impossibilidade quase física de existência de uma escola libertária dentro do bunker da democracia força um demónio nas sinapses do leitor: porque assim sendo nem escola nem o resto, e no fim da leitura só nos sobra a recusa furiosa porque amedrontada ou a acção destrutiva, imediata e sem limites.

O Educador Mercenário... é um apanhado de respostas dadas por Olivo em várias entrevistas concedidas ao longo dos anos. Dividido em núcleos temáticos, apresentado numa linguagem muito diferente, porque menos metafórica e tortuosa, da de *O Irresponsável*, é talvez a melhor porta para se aceder à obra do anti-pedagogo, essencial no seu radicalismo sem concessões.

Saudemos Olivo e a Textos Ígneos pela coragem e portudo.



O educador mercenário
Para uma crítica radical das escolas da democracia
Pedro García Olivo
Textos Ígneos
Lisboa, 2017, 126 pp.



O Irresponsável
Pedro García Olivo
Textos Ígneos
Lisboa, 2016, 144 pp.